

SCS luta para manter a tradição

Fotos: Luiz Marcos

Centro comercial mais antigo enfrenta deterioração com plano de revitalização para competir com setores mais modernos

Projeto prevê medidas para melhorar a segurança e o trânsito no local, com adoção de estacionamento rotativo

NELZA CRISTINA

Ele cresceu junto com Brasília, reinou absoluto por muitos anos, mas agora, ao alcançar a maturidade, precisa passar por um completo processo de revitalização para sobreviver. Se não mudar, o Setor Comercial Sul (SCS) corre o risco de sucumbir frente à concorrência, como a estabelecida por seu irmão mais jovem, o ainda em formação Setor Comercial Norte.

Os prédios antigos e ultrapassados, em sua maioria, encontram hoje adversários fortes, modernos, arrojados e informatizados, os chamados edifícios inteligentes, que proliferam no lado Norte da cidade. Sem condições de operar transformações profundas em termos estéticos em seus edifícios, o SCS se ampara na tradição e busca alternativas que garantam sua continuidade.

"O SCS foi o primeiro centro comercial da cidade. Ele nasceu junto com Brasília. Não podemos deixar que morra", afirma o prefeito comunitário, Fernando Raposo, que comanda há uma semana o programa de revitalização. Raposo assumiu a prefeitura em substituição a Hermann Xavier, um dos grandes incentivadores da mudança, morto semana passada em um acidente de trânsito.

O Setor Comercial Sul é comparado por muitas pessoas a uma pequena cidade. Com 103 edifícios comerciais dispostos em uma área de 40 mil metros quadrados, o SCS reúne 1,2 mil pessoas jurídicas — grande número de profissionais liberais, como advogados, médicos, dentistas entre outros, bancos, instituições e entidades sindicais e alguns órgãos públicos.

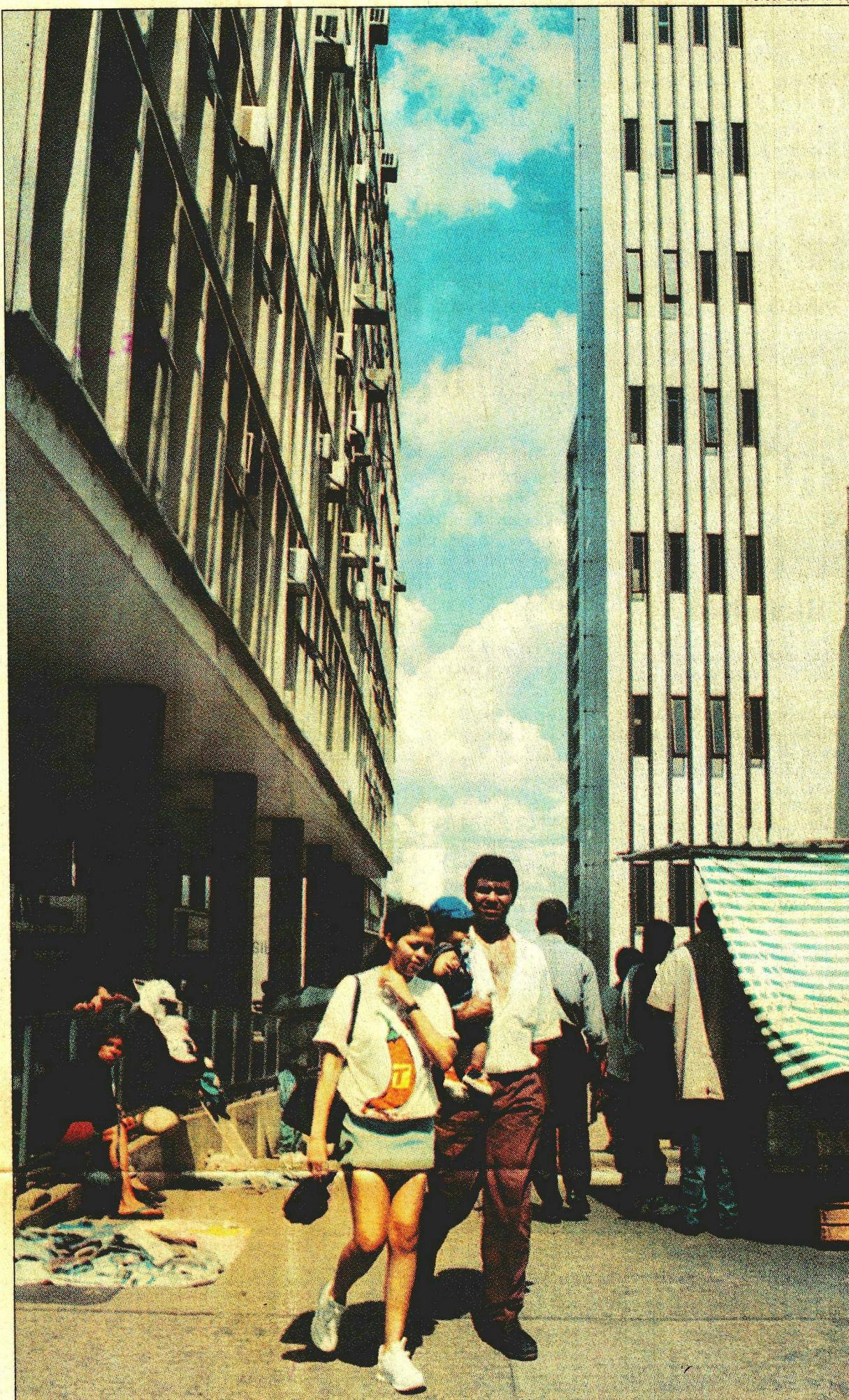
O comércio é pequeno e pouco variado. Sobrevive, basicamente, da população circulante no local. A estimativa é de que cerca de 30 mil pessoas passem

todos os dias pelo SCS. A dificuldade de estacionamento acabou expulsando muitos comerciantes, que encontravam dificuldades em atrair a freguesia, desestimulada pelo trânsito caótico da área. Contradicitoriamente, uma das alternativas estudadas para reativar o SCS é a instalação de uma Rua 24 Horas, exemplo da que funciona no centro de Curitiba (PR).

Porém, qualquer programa de recuperação para o Setor Comercial Sul tem que conter dois ingredientes básicos: medidas de segurança e soluções para o deficiente estacionamento local. Algumas delas, como a criação de um estacionamento rotativo, estão em andamento; outras estão em estudo, apesar de inviabilizadas pela falta de recursos.

Enquanto as ações efetivas e definitivas não vêm, a prefeitura do SCS, junto com a administração regional do Plano Piloto, vai resolvendo os pequenos problemas que demandam menos recursos. Um convênio com o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) tem garantido a limpeza do lugar. A polícia de trânsito tem mantido uma melhor circulação nas vias internas do setor. Árvores foram podadas, meios-fios pintados e calçadas reparadas num trabalho de maquiagem que culminou com a retirada de uma feira de importados (tipo a do Paraguai) que funcionava na Praça do Povo. O problema é que agora os camelôs estão espalhados por todas as galerias, vendendo de roupas a CDs, óculos a relógios, e uma variada gama de outros produtos.

As dificuldades são muitas e não existem soluções rápidas. Mas, apesar de tudo, o SCS se mantém como centro nervoso da cidade e seus usuários, principalmente os mais antigos — pelo menos por enquanto —, não pensam em trocar de lado.



COM prédios ultrapassados, o Setor Comercial Sul perde espaço para áreas modernas



A FALTA de estacionamento no local é apontada como o principal motivo para a deterioração do Setor Comercial Sul

Prefeito quer instalar Rua 24 Horas

Os planos estão traçados, os projetos montados, mas a revitalização do Setor Comercial Sul esbarra em um problema: a falta de recursos. O único projeto já encaminhado e em fase de execução é o da implantação do estacionamento rotativo. Os demais, como a Rua 24 Horas, reforço na iluminação e no policiamento, não têm prazo para execução.

"A falta de segurança e estacionamento, de certa forma, afugentam a clientela. Com os clientes antigos, não tem problema. Eles buscam o profissional em qualquer lugar. Mas a clientela nova acaba optando por lugares mais acessíveis", diz o advogado Pedro Moura, de 70 anos, que tem escritório instalado há mais de 20 anos no Edifício JK. Apesar de tudo, o advogado não pensa em mudar, desde que algumas melhorias sejam implementadas. "Há uma música que diz: para que abrir novos caminhos se podemos consertar a velha estrada", filosofa. (N.C.)

o mais rápido possível.

A proposta do GDF é montar um esquema de ocupação de curta duração — no máximo, duas horas e meia por vaga. Quem necessitar de mais tempo, ou for permanecer durante todo o dia no SCS, será incentivado a utilizar o estacionamento remoto a ser montado no Parque da Cidade. Perceberão o transporte dos motoristas entre os dois locais. Tudo será automatizado e informatizado. O prefeito comunitário, Fernando Raposo, está confiante de que esta medida já dará novo fôlego ao SCS.

Para Raposo, no entanto, o projeto mais importante é o da Rua 24 Horas, que cortaria todo o setor, da W3 Sul até a Galeria dos Estados, atravessando todas

as galerias centrais — Amazonas, do BRB, do Itaú, da Caesb e do Edifício Goiás. Na rua, seriam instaladas lojas de conveniência, bares, livrarias, floriculturas, entre outros estabelecimentos. "Acreditamos que esse projeto poderia promover a recuperação do local. Atenderíamos, além da população de Brasília, os ocupantes dos vários hotéis que circundam o SCS", acredita Raposo.

Esta, porém, não é uma proposta de aplicação imediata. Entre seus maiores impedimentos está o custo, orçado entre R\$ 4 milhões e 5 milhões. "Pretendemos trabalhar sempre em regime de parceria, mas mesmo assim temos dificuldades em viabilizar os recursos a

curto prazo", afirma.

Para melhorar a segurança, a prefeitura propõe um reforço na iluminação no SCS e arredores. A ideia é aumentar em 50% a luminosidade, o que custaria R\$ 250 mil ainda não capitalizados. Aparelhar o posto policial e equipar os policiais estão nos planos, mas também sem data marcada.

Para a assistente técnica Belmira Neves, que há mais de 10 anos trabalha em uma entidade cooperativa no Edifício Baracat, vale à pena o investimento. "Gosto do SCS porque é o único lugar de Brasília onde a gente sente que está num grande centro, onde as pessoas circulam nas ruas. Não gostaria de sair daqui", afirma ela. (N.C.)

Falsários atuam com desenvoltura

Em um lugar onde circulam tantas pessoas — 30 mil por dia — encontra-se de tudo um pouco. Dos engravatados aos esportivos, dos espertos aos ingênuos. Estes últimos parecem ser identificados com facilidade, tendo em vista o grande número de golpes que é aplicado todos os dias no Setor Comercial Sul (SCS).

O "golpe do paco", apesar de conhecido pelo brasiliense, é o mais aplicado. Os policiais militares cansam de atender pessoas chorosas, reclamando o dinheiro perdido — na verdade, esta é, segundo os policiais, a ocorrência mais comum na área.

A estratégia é simples: o golpe é aplicado em dupla e a vítima escolhida a dedo — sempre alguém que sacou alguma soma considerável no banco. Um dos parceiros "perde" um cheque à frente da vítima, que, normalmente, procura devolvê-lo ao "distradido". Muito agradecido, o golpista insiste que a pessoa deve ser recompensada pelo seu ato de honestidade e a convida a seguir-lhe até o escritório para que seu chefe — o suposto dono do cheque — a remunere.

Um segundo golpista surge para incentivar a vítima a aceitar a compensação. Em meio a muita conversa, a pessoa é convencida a deixar a bolsa ou carteira com um dos parceiros — que, para todos os efeitos, não se conhecem — e seguir o outro para receber a recompensa. A partir daí, as estratégias são variadas, mas, em geral, o golpista some no meio das pessoas. Quando a vítima volta para recuperar seus pertences, não encontra mais ninguém.

Menos elaborados são os truques utilizados por inúmeros personagens que já fazem parte do cotidiano do SCS. Tem a velhinha doente, que circula pelas ruas e pelos escritórios com uma receita médica, pedindo auxílio para se tratar. O mudo — ele já foi visto várias vezes conversando pelas ruas do SCS — que apresenta, há anos, uma carta explicando sua situação de pobreza. Completando a ala dos doentes, tem o homem da perna quebrada, que precisa de ajuda para voltar para casa.

No universo do Setor Comercial Sul fazem parte ainda os "trabalhadores" em busca de uma colocação, que todos os dias necessitam de um auxílio para voltar para casa. Menos modestos são os que pedem dinheiro para voltar a seu estado de origem. Esses sempre "precisam" de somas maiores. Os truques são variados e resistem ao longo dos anos, porque sempre tem alguém disposto a acreditar e a ajudar a legião de experts. (N.C.)